

O silêncio no discurso sobre o gaúcho na imprensa gaúcha em tempos de(s)censura (1964-1989)

(Silence in the discourse *on* the gaúcho in the (un)censored press (1964-1989))

George Uilian Monteiro¹

¹Mestrando em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras –
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

uiliandelonge@yahoo.com.br

Abstract: This paper intends to analyze the operation of the discourse on the gaúcho in the (un)censored press. Affiliated to the French School of Discourse Analysis (DA), our reflection lies in the following bases: beyond the relationship of myth / non-myth. We selected some discursive sequences in order to form our corpus for analysis, investigating the relationship between what is said and what is not said in the journalistic writing. In order to do that, we move the concepts of discourse, silencing, discursive memory and discursive formation in the realization of a theoretical and analytical device, which observes the contradictions in journalistic discourse.

Keywords: Discourse Analysis; silence; gaúcho.

Resumo: Este artigo estuda o funcionamento do discurso sobre o gaúcho na imprensa em tempos de(s)censura. Filiada à escola francesa de Análise de Discurso (AD), nossa reflexão situa-se nos entremeios das bases constituídas: além da relação mito/não mito. Seleccionamos algumas sequências discursivas a fim de formarmos nosso *corpus* de análise, observando a relação do que é dito com o que não é dito no espaço jornalístico. Para isso movimentamos os conceitos de discurso, silenciamento, memória discursiva e formação discursiva, na realização de um dispositivo teórico-analítico que explicita as contradições constitutivas do discurso jornalístico.

Palavras-chave: Análise de discurso; silêncio; gaúcho.

Introdução

A reflexão que aqui desenvolvemos objetiva pensar as práticas discursivas sobre o gaúcho na imprensa em tempos de(s)censura (1964-1989). Filiado à análise de discurso (AD) de orientação pechetiana, nosso trabalho busca desconstruir uma possível dicotomia mito/não mito, considerando que a sobreposição de um sentido hegemônico sobre essa figura identitária do sul do Brasil acaba por produzir um efeito de silenciamento a outros sentidos possíveis, que estão aí, em movimento.

Para tal, realizamos recortes em arquivo específico que está sendo formado a partir de exemplares de jornais que circularam no período delimitado, dos quais serão selecionadas sequências discursivas (SDs) que nos possibilitem pensar que imagens de gaúcho estavam sendo discursivizadas. Nesse movimento levaremos em conta as regularidades discursivas: os excessos, as repetições, as faltas. Trabalhando conceitos relacionados diretamente com a psicanálise (imaginário, real, simbólico), a AD toma essas noções de maneira não subjetiva, ou seja, na sua relação com a ideologia, com a determinação histórica.

Em nosso artigo mobilizamos os conceitos de discurso (discurso *sobre*), sujeito, formação discursiva, memória discursiva e silenciamento (ORLANDI, 2001, 2005, 2007 [1992];

PÊCHEUX, 2009 [1975], 2012 [1983]; INDURSKY, 2005; MARIANI, 1996), além de considerarmos as reflexões sobre o espaço urbano e sobre o gaúcho nos trabalhos de Petri (2004), Golin (2002) e Zoppi-Fontana (1999). Essa prática nos permite formar um dispositivo analítico específico – desafio próprio à AD, realizando um movimento pendular (PETRI, 2013) – da teoria para a análise e da análise para a teoria, re-significando não apenas o objeto de análise, mas também essas noções teóricas mobilizadas.

Considerações sobre o processo de constituição do sujeito gaúcho

Ao buscarmos refletir sobre a constituição dessa identidade do sul do Brasil, faz-se necessário considerar o seu caráter mitológico, que nos remete ao “centauro dos pampas”. Essa imagem do centauro, segundo Petri (2004, p. 100), “se produz no interior de um grupo social bem específico”: “de nativos e de mestiços que habitavam a região fronteira do sul do Brasil entre os séculos XVII e XIX”. Esse grupo estava à margem daquelas sociedades, roubando para comer. Se hoje pensamos uma relação entre “sinônimos” quando falando de sul rio-grandense e de gaúchos, de que maneira teria se dado essa inversão de valores – de vagabundo, vândalo, amoral a cavaleiro, guerreiro, patriota? É importante ressaltar que essa sobreposição da imagem do mito, do idealizado, àquelas do bárbaro, violento, se dá apenas no início do século XX, quando “o ser gaúcho” passa também a designar o habitante do Rio Grande do Sul.

No desenvolver de nosso trabalho, buscamos romper com as evidências dessas bases constituídas – do mito ao não mito. Então, como afirma Tau Golin (2002, p. 25), “não se trata de prosseguir a celeuma entre lusitanismo [...] versus platinismo [...], pois essas duas vertentes historiográficas esvaziaram-se nos raquitismos de seus ideologismos”. Outra tentativa de evidência no discurso jornalístico costuma ser postulada quando da abordagem dos acontecimentos da chamada Revolução Farroupilha (1835-1845). O enfrentamento entre os exércitos republicanos (dos farrapos) e os imperialistas costuma ser discursivizado no sentido de um reforçar a imagem do mito (atualmente ‘comemora-se’ no dia 20 de setembro o “dia do gaúcho” (feriado oficial), sendo que a data faz referência ao dia da proclamação da República sul rio-grandense). Sabe-se que os gaúchos, nesse embate, estavam “ora lutando do lado do Império ora contra ele, emprestando seu brio aos que se aproveitavam dele, pois vivia(m) forçado(s) a dar sua contribuição de homem sem propriedade” (PETRI, 2004, p. 102). Não podemos deixar de mencionar que não se pode cair em uma simplificação – relação de causalidade – que indicaria tal acontecimento como aquele que desloca os sentidos sobre o gaúcho – do fora da lei ao mito, já que “estamos tratando de um processo ao longo de séculos de lutas sangrentas e não de um ponto que marque o fim da conotação pejorativa e a instauração do herói gaúcho” (PETRI, 2004, p. 131).

Ressaltando esses tópicos sobre a figura do gaúcho, precisamos colocar que não podemos falar em um imaginário “do gaúcho”, mas em imaginários “sobre o gaúcho”. O gaúcho é sempre discursivizado pelo outro, temos acesso a um imaginário do dominante sobre o dominado: “trata-se muito mais de observarmos o imaginário do homem civilizado, do intelectual que olha, **urbanamente**¹, para a figura do gaúcho e lhe confere novos significados” (PETRI, 2004, p. 129, grifo nosso).

1 Em nossas considerações analíticas, exploraremos essa relação do gaúcho urbano com o não urbano.

No caso do trabalho que ora apresentamos, onde nos interessa os movimentos do discurso jornalístico, podemos colocar esse espaço da imprensa como fazendo parte da modalidade do discurso *sobre*, ou seja, aquele cujo efeito imediato “é tornar objeto aquilo sobre o que se fala” (MARIANI, 1996, p. 63). Os jornais realizam o que Mariani (1996, p. 64) coloca como uma “institucionalização dos sentidos, [...] no efeito de linearidade e homogeneidade da memória”. Trabalhar imagens de gaúcho na imprensa em tempos de censura de uma perspectiva discursiva requer os cuidados de não cair nas falsas evidências produzidas nesse espaço. Devemos trabalhar com a contradição, contrapondo à (vã) tentativa de homogeneidade, de controle dos sentidos por parte do jornalístico.

Considerações teóricas: a análise de discurso e a produção dos sentidos

Entendendo discurso, segundo Orlandi (2005, p. 21), como “efeitos de sentido entre locutores”, posicionamo-nos a fim de questionarmos as evidências, deslocando uma postura que se quer “neutra”, uma língua sem equívoco e transparente (proposta pelo jornalístico) – para o movimento dos sentidos, nos processos discursivos. Nesses processos, reconhecemos uma opacidade da língua, lugar do contraditório, da heterogeneidade, da falha, do real (PÊCHEUX, 2012 [1983]). O indivíduo se torna sujeito ao identificar-se e, para isso, ele necessita significar. Apresentando essa problemática, trazemos à baila o conceito de formação discursiva (FD). Re-territorializando esse conceito foucaultiano, Pêcheux (2009, p. 147) pensa a formação discursiva como “o que pode e deve ser dito” daquele lugar ideológico. Já Indursky (2005, p. 10), ao desenvolver um trabalho que acompanha os movimentos que esse conceito vem sofrendo nesses estudos discursivos, destaca que a FD, assim como o discurso, “é lugar de tensão e não apenas de segurança”, já que o sujeito do discurso pode “apropriar-se de saberes alheios e inseri-los no âmbito de uma FD”. A autora ainda afirma que, para “continuar trabalhando com a noção de FD, é preciso suportar expor-se à diferença” (INDURSKY, 2005, p. 11).

Eni Orlandi (2001, p. 38), ao pensar a relação discurso-texto, fala em heterogeneidade do texto, sobre a possibilidade de existência das “diferentes posições-sujeito no mesmo espaço textual, correspondentes a diferentes formações discursivas que recortam o texto”. Ou seja, por mais que um sujeito venha a inscrever-se em uma formação discursiva dominante, não se pode deixar de considerar que ele só é quando passível de falhas, deslizes.

O discurso jornalístico tira proveito da necessidade de significar, da necessidade de um mundo logicamente estável, semanticamente normal (PÊCHEUX, 2012 [1983]) constituinte de todo sujeito, para, no caso em que estamos pensando, naturalizar uma unidade de gaúcho. A formação discursiva dominante, no período delimitado, é aquela que procura reforçar a figura mitológica, o mito. É preciso observar a relação do que é dito com o que não é dito (o não dito), sabendo que, apesar dos esforços de imposição de uma imagem homogênea de gaúcho, o que é negado – imagens que estão sendo apagadas – escapa, faz-se presente através da memória. Podemos apontar os deslizes, já que as demais imagens de gaúcho podem até ter sido silenciadas, mas não foram apagadas dessa “memória discursiva”, nos termos de Pêcheux (1999, p. 56): “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...”, um espaço de “réplicas, polêmicas e contra-discursos”.

Os anos que compõem o período histórico delimitado fazem parte do momento em que o Brasil sofria um período de exceção instaurado com o golpe de 1964. A ditadura civil-militar (civil, pois contou com o apoio de “grandes” empresários da sociedade brasileira), em seu ato institucional número 5 (AI-5), estabelecia a censura. É interessante observar que muitos jornais serviram como local de disseminação dos ideais do regime instaurado. Conforme o “depoimento” de Eni Orlandi, em

[...] 1968, dia 13 de dezembro, o AI5. Com Médici, em 1969, a censura ganha enorme força. O autoritarismo se instala em pleno na sociedade brasileira. A ditadura não dava trégua mas eu havia aprendido com a esquerda e com Pêcheux que para falar uma coisa pode-se falar outra. (2012, p. 17)

Ao realizar seu estudo sobre as formas do silêncio, Orlandi (2007) vai pensar na constituição de um silêncio fundante e uma política do silêncio – silenciamento. O primeiro, espaço entre as palavras, é colocado “como condição de significação”; o segundo, silenciamento, possui duas “formas de existência ligadas: a) o silêncio constitutivo e b) o silêncio local” (ORLANDI, 2007, p. 69, 73). Ao propor uma reflexão sobre a censura, a autora aponta que a segunda forma assumida dessa política do silêncio – o silêncio local, configura a “interdição do dizer” (ORLANDI, 2007, p. 74), interdição da inscrição do sujeito em determinadas formações discursivas. É preciso considerar essas diferentes formas do silêncio como interligadas e não como “categorias” em separado, bem como saber separar as diferentes conceituações de censura que podem surgir nesse espaço. Não nos interessa dados quantitativos (estatísticos) sobre a censura, mas sim efeitos presentes nas marcas discursivas dessas materialidades. Esse posicionamento demonstra a necessidade de se estabelecerem ligações com as condições de produção desses discursos *sobre* o gaúcho, de maneira a romper com uma observação que leve em conta os “indivíduos” (em AD pensamos sempre em sujeitos, visto que – e acompanhando as considerações de Louis Althusser – os indivíduos desde sempre são interpelados ideologicamente: “os indivíduos são sempre/já sujeitos” (ALTHUSSER, 2012, p. 98)) e os textos, como fim em si mesmos, fechados, homogêneos. Aliás, essa ilusão de unidade “é efeito ideológico, é construção necessária do imaginário discursivo” (ORLANDI, 2007, p. 19).

Práticas discursivas a partir de recortes: considerações analíticas

Desenvolveremos aqui algumas reflexões a partir de dois recortes – intitulados “Assim é o Rio Grande” (recorte 1 – R1) e “Porto Alegre e o laçador” (recorte 2 – R2), sendo que ambos os recortes circularam no jornal *Zero Hora* do mês de setembro de 1969 (dias 20 e 13, respectivamente). Seleccionamos sequências discursivas (SDs) que nos possibilitem observar as imagens de gaúcho presentes nesses processos discursivos.

Primeiro recorte (R1)

Nosso primeiro recorte é apresentado como lugar de divulgação de uma viagem do representante tradicionalista Paixão Côrtes ao Recife. Para pensarmos as práticas nessa materialidade discursiva, seleccionamos as seguintes SDs:

- (01) O Estado de Pernambuco verá uma exposição sobre o Rio Grande do Sul. / O apresentador será o poeta e compositor tradicionalista Paixão Côrtes, que seguiu ontem para Recife. Constam do programa, apresentação de “slides”, gravações, declamações, contos e músicas do folclore gaúcho.
- (02) Na televisão e Clube Português, Paixão Côrtes apresentará um “show” denominado “Assim é o Rio Grande”. / Sua missão maior será a divulgação da carne ovina, através de receituário e promoções que fará. Também fará divulgações sobre a importância do chimarrão e do vinho para a economia do Estado, através de cartazes e projeções de “slides”. Em seu programa constam demonstrações de como se faz um bom churrasco com os diversos tipos de carne.
- (03) Paixão Côrtes faz questão de afirmar que sua missão é cultural. “Não só de canto e declamação, mas também exporei as diversas implicações do folclore e das tradições gaúchas na economia e indústria do Estado”.

Nessas SDs, podemos observar uma movimentação que busca compor uma unidade de gaúcho, a única possível, na busca de uma afirmação dessa imagem homogênea ante os demais estados brasileiros. “Assim é o Rio Grande” aparece não apenas como título da coluna/reportagem do jornal, mas é o nome dado ao “show” que o tradicionalista Paixão Côrtes apresenta, ou seja, o sujeito designado tradicionalista se coloca como “embaixador” (“Paixão Côrtes faz questão de afirmar que sua missão é cultural” (03)) dos gaúchos, autoridade para dizer como as coisas são no Rio Grande. Podemos explicitar aqui em funcionamento um jogo de forças que busca salientar, opor-se aos demais estados, se colocar em um lugar diferente (o sujeito tradicionalista a viajar para Recife para mostrar como se faz), trazendo à memória a resistência dos republicanos contra o resto do Brasil (Imperial). As marcas discursivas o “Estado de Pernambuco” (01), “a importância [...] para a economia do Estado” (02) e “na economia e indústria do Estado” demonstram na sua regularidade, a oficialidade dessa divulgação, sendo esse também um momento que serve para atender às demandas do mercado capitalista. Além do interesse econômico em questão, demonstrado no destaque dado aos produtos que devem ser consumidos pelo povo gaúcho para que se seja, na visão tradicionalista, gaúcho, está imbricada uma questão que se coloca como cultural. O que seria cultura para um tradicionalista como Paixão Côrtes? O que a proximidade entre um movimento tradicionalista – que se desenvolve nesse período – e esse Estado totalitário pode estar mobilizando (em comum)? O que leva o líder tradicionalista a passar o “dia do gaúcho” (20 de setembro) longe do Rio Grande do Sul? É interessante notar um dos espaços onde Paixão Côrtes “atua” nessas suas apresentações: O “Clube Português”² (02) de Recife... Um “farrapo” a “comemorar” o aniversário da “Revolução” junto aos portugueses? A prática tradicionalista aqui busca reforçar o mito do gaúcho, a imagem hegemônica do gaúcho como sul-rio-grandense e brasileiro, formação discursiva dominante, sobrepondo às outras imagens, o que o mundo civilizado considera como qualidades: a honra, o patriotismo, o apego pelo que considera ser a “sua” cultura.

Segundo recorte (R2)

No segundo recorte, o espaço jornalístico desenvolve, em sua prática de evidência, uma interessante relação entre o crescimento urbano da cidade de Porto Alegre, e o que o autor vai chamar de “tribal”. Selecionamos as seguintes sequências discursivas:

² Ao buscarmos informações sobre o Clube Português, encontramos, em seu estatuto o seguinte item, Das Finalidades (art2; §III): “contribuir para estreitar as relações de amizade e o desenvolvimento cultural da comunidade luso-brasileira”. Disponível em: <http://www.clubeportuguesdorecife.com.br/2009/ESTATUTOS_PORTUGUES.pdf>. Acesso em: 12 set. 2013.

- (01) Porto Alegre cresce num ritmo rápido e, como toda a grande metrópole, vai triturando hábitos, costumes e lealdades que pertencem ao passado. Toda uma estrutura de comportamento teve que ser refeita para enfrentar a nova modalidade de vida que a cidade moderna exige. Harvey Cox, professor da Universidade de Harvard, quando analisa a vida cidadina, destaca “o conflito entre os costumes da família e a lei da cidade; entre os laços de sangue e a justiça mais impessoal da **polis**” (grifo do autor).
- (02) [...] a influência desse passado recente está se desgastando frente às exigências da vida metropolitana. / O professor Harvey Cox, ao estudar a psicologia urbana, toma a tragédia de Sófocles, Antígona, como exemplo do conflito entre o passado tribal e os novos valores cidadãos. / Para ele, o corpo insepulto é o que resta de um traidor que foi condenado pelas leis da cidade. Antígona, na interpretação de Cox, é símbolo da dolorosa transição entre a condição tribal e a vida urbana. Essa transição é a experiência diária que se vive em Porto Alegre.
- (03) A estátua do Laçador, quase em frente ao aeroporto, é símbolo de um passado tribal, onde a pecuária era a economia de sustentação e os laços de família e amizade a estrutura básica do antigo meio social. A cidade é universal, tem mil símbolos porque resultou do amálgama de muitas culturas que nela se superpõem e terminam por se mesclar. No entanto, se não tivesse existido o laçador, a cidade cosmopolita e universal não poderia ter surgido.

Mesmo sem dizer o gaúcho, encontramos nesse segundo recorte práticas discursivas sobre ele. Nas movimentações entre o que é dito e o não dito, encontramos, já no título referência ao “laçador” (03), e perguntamos: o que teria feito o autor falar em laçador, em “passado tribal” (01, 03) e evitar a palavra gaúcho? O mesmo ocorre quando ele evita a palavra tradição, optando por “lealdade” (01). Como afirmamos anteriormente, não temos acesso a um imaginário “do gaúcho”, mas sim de um imaginário que se forma “sobre o gaúcho” através do olhar do homem urbano. Para pensarmos as questões do urbano e do não urbano, em um espaço que busca consolidar uma imagem de gaúcho, a do mito, precisamos considerar como esse espaço funciona na constituição dos sujeitos e de suas identidades. Zoppi-Fontana coloca que essas

[...] discursividades [...], através das evidências nelas construídas e pela sua inscrição no senso comum, chamam o sujeito a ocupar seu lugar no tecido urbano, interpelando-o sob a modalidade de um *dever ser* a partir do qual se legitima seu *poder estar*. (1999, p. 63)

Ao indicar o laçador como “símbolo” do “passado tribal” (02), o autor reproduz a imagem do mito, mas, em seu texto, existem diferentes posições-sujeito – que correspondem a diferentes formações discursivas. O termo tribal poderia resgatar uma memória que não teria uma ligação com os sentidos “cristalizados” no mito? O autor cita o nome do “professor Harvey Cox”, tendo por base os estudos realizados por ele. Esse professor, autor da obra *A cidade do homem* (editada no Brasil em 1968 pela editora Paz e Terra), influenciou diretamente o desenvolvimento da teoria da libertação. Essa teoria serviu como fundamentação teórica para que grupos de religiosos católicos organizassem uma tentativa de resistência ao regime. Ele acaba por trazer para um espaço da formação discursiva dominante, saberes que se constituem em oposição, de outras formações discursivas. Os conflitos que “a transição entre a condição tribal e a vida urbana” (02) passam pelo que o autor diz: o laçador “é símbolo de um passado tribal” (03) em contraponto à cidade que “é universal, tem mil símbolos”. Mas, ao finalizar seu texto, escreve o autor: “No entanto, se não tivesse existido o laçador, a cidade cosmopolita e universal não poderia ter surgido” (03). É um conflito entre a unidade, o homogêneo da tradição, termo o qual o autor evita, e o heterogêneo, os mil “símbolos” da cidade. Como o autor está a se posicionar nesse

conflito? Há uma contradição entre o silenciar do autor em relação ao gaúcho, à tradição, e a afirmação “se não tivesse existido o laçador, a cidade cosmopolita e universal não poderia ter surgido” (03), que encerra o texto. O discurso jornalístico trata de colocar o não urbano como parte do urbano. Estar escrevendo em um espaço que tem como proposta o fortalecer da imagem do mito do gaúcho – formação discursiva dominante – poderia ter causado a interdição – silenciamento – desse sujeito a falar sobre esse gaúcho?

Considerações finais

Podemos estabelecer, a partir das questões levantadas, as relações entre os nossos dois recortes. Esse olhar urbano sobre o gaúcho do discurso jornalístico apresenta movimentações que buscam a afirmação, o reforço da imagem idealizada – do mito – do gaúcho. Entretanto, o referencial teórico e metodológico que mobilizamos possibilitou um rompimento com as evidências desse espaço de homogeneização, exemplificando o funcionamento do discurso como efeitos de sentido que estão instáveis, em movimento: “o discurso materializa o contato entre o ideológico e o linguístico, pois ele representa no interior da língua os efeitos das contradições ideológicas” (ORLANDI, 2007, p. 22). Quanto mais se busca reforçar essa imagem “única” de gaúcho, mais aparecem as contradições, as falhas, constitutivas dos sujeitos e dos discursos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012 [1985]. 128 p.

AMORIM, P. Porto Alegre e o laçador. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 13 set. 1969.

CLUBE PORTUGUÊS DO RECIFE. Estatutos do “Clube Português do Recife”. Recife, 2009. Disponível em: <http://www.clubeportuguesdorecife.com.br/2009/ESTATUTOS_PORTUGUES.pdf>. Acesso em: 12 set. 2013.

GOLIN, T. *Fronteira*. Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Porto Alegre: L&PM Editores, 2002. 400 p.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

INDURSKY, F. Formação Discursiva: Ela ainda merece que lutemos por ela?. In: II SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2005. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead/doc/freda.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2013.

MARIANI, B. *O Comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. 256 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Estudos da Linguagem) – Universidade de Campinas, Campinas.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. 184 p.

_____. Apagamento político na ciência: notas à história da análise de discurso. Fragmentação, diluição, indistinção de sentidos e revisionismo. In: ORLANDI, E. P. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012. p. 13-35.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001. 218 p.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-56.

_____. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2012.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da análise de discurso. In: PETRI, V.; DIAS, C. (Org.). *Análise de discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2013.

_____. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins*. 2004. 332 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Teorias do texto e do discurso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

VASCONCELOS, A. Assim é o Rio Grande. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 20 set. 1969.

ZOPPI-FONTANA, M. Um estranho no ninho: entre o jurídico e o político, o espaço público urbano. *RUA Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade*, Campinas, n. especial, p. 53-65, 1999.

ANEXOS

Athos de Vasconcelos

ASSIM É O RIO GRANDE

O Estado de Pernambuco verá uma exposição sobre o Rio Grande do Sul, através de programa que será iniciado neste fim-de-semana na TV Rádio Clube de Recife e no Clube Português. O apresentador será o poeta e compositor tradicionalista Paixão Côrtes, que seguiu ontem para Recife. Consta do programa, apresentação de "slides", gravações, declamações, contos e músicas do folclore gaúcho. Paixão Côrtes permanecerá no Nordeste até o dia 22, havendo possibilidades de novas apresentações além das já programadas.

PROGRAMA

Na televisão e Clube Português, Paixão Côrtes apresentará

um "show" denominado "Assim é o Rio Grande". Depois que milita nos meios folclóricos do Estado, esta é a primeira vez que passa uma data Farrroupilha fora do Rio Grande do Sul. Em sua bagagem, o conhecido homem de rádio e televisão do Sul, levou muitas lembranças da terra, que serão distribuídas no Nordeste. Sua missão maior será a divulgação da carne ovina, através de receituário e promoções que fará. Também fará divulgações sobre a importância do chimarrão e do vinho para a economia do Estado, através de cartazes e projeções de "slides". Em seu programa constam demonstrações de como se faz um bom churrasco com os diversos tipos de carne. Paixão

Côrtes faz questão de afirmar que sua missão é cultural. "Não só de canto e declamação, mas também exporei as diversas implicações do folclore e das tradições gaúchas na economia e indústria do Estado". Na volta de Recife passará em São Paulo para gravar seu terceiro "long-play" para a "Philips", que terá como músicas mais importantes, "Vida de Peão", "400 Pirús", "Não Espalha", "Negrinho do Pastoreio" e "Três Danças", todas do folclore gaúcho.

paralelo

PAULO AMORIM

PÔRTO ALEGRE E O LAÇADOR

Pôrto Alegre cresce num ritmo rápido e, como toda a grande metrópole, vai triturando hábitos, costumes e lealdades que pertencem ao passado. Toda uma estrutura de comportamento teve que ser refeita para enfrentar a nova modalidade de vida que a cidade moderna exige. Harvey Cox, professor da Universidade de Harvard, quando analisa a vida cidadina, destaca «o conflito entre os costumes da família e a lei da cidade; entre os laços de sangue e a justiça mais impessoal da polis».

Nesse grande cadinho de raças e culturas em que se transformou a capital gaúcha, já se percebe o aparecimento de uma nova concepção de vida. Por certo que coexistem passado e presente. Muito do que é típico da vida provinciana onde o existir transcorre com mais calma e os laços de sangue e ami-

zade são encarados como compromissos mais atuantes, pode ser localizado nos mais diversos setores da cidade. Ainda assim, a influência desse passado recente está se desgastando frente às exigências da vida metropolitana.

O professor Harvey Cox, ao estudar a psicologia urbana, toma a tragédia de Sófocles, Antígona, como exemplo do conflito entre o passado tribal e os novos valores citadinos. Antígona, ao exigir que o corpo do irmão, Polígenes, seja enterado com todas as honras das cerimônias fúnebres, defende o antigo dever dos laços consanguíneos. O rei Creon representa a polis. Para ele, o corpo insepulto é o que resta de um traidor que foi condenado pelas leis da cidade. Antígona, na interpretação de Cox, é símbolo da dolorosa transição entre a condição tribal e a vida urbana.

Essa transição é a experiência diária que se vive em Pôrto Alegre. A técnica permite que a cidade possa crescer até limites gigantescos. Para que isso ocorra, exige transformações que afetam profundamente seus habitantes. A estátua do Laçador, quase em frente ao aeroporto, é símbolo de um passado tribal, onde a pecuária era a economia de sustentação e os laços de família e amizade, a estrutura básica do antigo meio social. A cidade é universal, tem mil símbolos porque resultou do amálgama de muitas culturas que nela se superpõem e terminam por se mesclar. No entanto, se não tivesse existido o laçador, a cidade cosmopolita e universal não poderia ter surgido. Reside aí a validade do passado e seus símbolos.